

*E dia de feira!*¹

Ana Claudia Mafra da Fonsêca*

Pra escrever essa história

Tenho que muito pensar

É sobre a feira daqui

Que é coisa de admirar

Seu povo se manifesta

Numa feira como esta

De tudo tem pra comprar:

(“A feira de Currais Novos”,

folheto da autoria de Josefa Nazaré Alves)

Dia de feira é dia de festa. A primeira impressão que temos das feiras é quase sempre esta. No nordeste brasileiro sobretudo, não faltam exemplos dessa reunião quotidiana, coletiva e colorida. “De um tudo” tem na feira: do peixe fresco aos plásticos, da sandália de couro aos importados, razão pela qual é ainda hoje um ponto de interseção de gerações e classes sociais, um espaço que une a tradição à contemporaneidade sempre adaptando-se ao tempo, incorporando o ritmo eletrônico da cidade grande aos sonoros gritos e pregões dos ambulantes, vendedores, fregueses, dos velhos e meninos, trabalhadores e “desocupados”, todos conhecidos, todos personagens de um mesmo palco.

Andar pelas feiras e tentar registrar visualmente um pouco da sua diversidade, em amplos aspectos, resultou numa experiência repleta de surpresas, pois a câmera na mão e a impossibilidade de, por isso, passar despercebida diante de todos, me possibilitou um contato inusitado com os feirantes: todos queriam “aparecer” nas fotos, me pediam para voltar e mostrá-las depois de prontas, e me paravam perguntando se era reportagem ou trabalho “pra escola”. Alguns se esconderam diante da câmera — principalmente os mais velhos —, dizendo-se

* Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB.

¹ Este trabalho resulta de visitas esporádicas, desde dezembro de 1997, às feiras do Alecrim e das Rocas (ambas em Natal – RN), onde comeci a anotar em caderneta as minhas observações, e das visitas recentes, quando registrei as imagens e os fragmentos de diálogos, pregões e demais falas que se seguem – 16 de outubro de 1998, na feira do Alecrim, e 19 de outubro de 1998, na feira de Currais Novos, respectivamente nos municípios de Natal e Currais Novos, Rio Grande do Norte.

“cismados” com retrato. Uma mulher chegou mesmo a dizer que tirar foto dava azar. Ainda assim, tentei registrar alguns momentos que, mesmo estando longe de traduzir o universo de riqueza e diversidade cultural de uma feira, possam revelar aos olhos do observador distante ao menos um mínimo da sua beleza tão peculiar. Se as presentes imagens conseguirem transmitir algo, ou, quem sabe, despertar no observador-leitor um interesse maior pelo que existe por traz delas, já considero meu trabalho plenamente recompensado.

Olhar a feira sob uma perspectiva tradicional: mangaeiros, verdureiros, fumo de rolo, rapadura, doce no quilo, meninos vendendo sacolas confeccionadas à mão, utilitários de couro e barro, linha, agulha, corda de sisal, galinha viva, balaios de palha, mel de furo, lambedor, cereais “a granel”, queijo e goma frescos, cego pedindo esmola, troca-troca, velhinhos conversando e rindo, folhetos e almanaques, viola e pandeiro...

Olhar a feira com os olhos de hoje: conservas, enlatados, equipamentos eletrônicos, peças de automóveis, hidráulicas e elétricas, produtos industrializados, roupas “da moda”, sandália “Ryder”, tênis “Rainha”, importados de R\$1.99, carros de som, antenas de TV, fitas K7 piratas, discos usados, gibis, os sucessos musicais do momento, o vendedor de celular em punho, a propaganda do supermercado ao lado...

Perspectivas distintas apenas superficialmente: na feira tudo se mistura e tudo se transforma. De repente encontramos o lambedor industrializado e as conservas feitas em casa, a rapadura tipo exportação e as antenas de TV feitas com fio torcido, no mais autêntico estilo artesanal. Tem coisa que a gente só encontra na feira. Tem coisa que a gente — por incrível que pareça — também encontra na feira. Tudo isso faz da feira um território marcado pela diversidade e pelos contrastes, sejam eles sociais, culturais ou econômicos. Os tempos e os espaços se cruzam na feira, o passado e o presente, o campo e a cidade, mar e sertão, todos estão ali presentes nos alimentos, nos olhares casuais, no jeito sempre à vontade dos feirantes, nos modos, costumes, no interesse curioso pelas novidades.

Apesar da diversidade, da qualidade e da especificidade de certos itens encontrados nas feiras, não é difícil notar que nem sempre é o preço ou a qualidade do produto os principais motivos que levam os consumidores a esses mercados livres. O homem da feira geralmente traz de casa o costume — quando consumidor — ou a profissão — quando feirante —, e faz disso um hábito semanal, embora também compartilhe da comodidade e dos preços mais competitivos dos supermercados e lojas especializadas. Os feirantes, principalmente, vivem em função deste comércio específico, tendo em vista sua natureza itinerante, que varia um pouco de acordo com o “grau de urbanização” dos territórios. Em

idades “grandes”, ou seja, nas cidades maiores e mais urbanizadas (no caso de capitais, incluem os municípios das respectivas zonas metropolitanas), as feiras acontecem em bairros — geralmente nos bairros mais antigos ou mais “populares” — e sempre no mesmo dia da semana. Assim, para cada dia da semana (menos aos domingos) é possível que em algum lugar de Natal, Recife ou João Pessoa, por exemplo, haja uma feira livre funcionando. Já nas cidades menores, nos municípios e distritos mais afastados dos centros urbanos, as feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns comerciantes — geralmente os que comercializam carnes, legumes, frutas e verduras — vendem ali seus produtos todos os dias da semana. Mas a feira completa continua seguindo o mesmo calendário semanal, e é só no “dia da feira” que a reunião está completa. Aos vendedores fixos (geralmente moradores da cidade), juntam-se os itinerantes, os visitantes, os fregueses, os que estão ali só a passeio... e com eles uma infinidade de produtos das mais diversas regiões.

Caminhão, caminhonete, até carro menor serve para o transporte da mercadoria, para não falar no carrinho de mão, que tanto serve para trazer a mercadoria, expô-la para venda ou mesmo levar as compras daquela freguesia que mora mais pertinho da feira, rendendo ainda um trocado para o carregador. Ou na bicicleta, que em muitas cidades do interior constitui o principal e mais eficiente meio de transporte — barata, funciona sem combustível e quase todo mundo pode usar; quem tem uma é dono de um bem quase comunitário. Nas feiras livres dessas cidades existem espaços especialmente reservados a elas. Neles qualquer um pode comprar, vender consertar, equipar ou trocar a sua bicicleta por um modelo mais conveniente. E pode também ir à feira de bicicleta e “estacioná-la” ali, onde sempre vai haver um menino pronto para tomar conta do veículo, em troca de uma gorjeta, é lógico.

As feiras são lugares sonoros por natureza. A reunião pública e gratuita de muitas pessoas em torno de dois objetivos muito próximos — vender e comprar — não poderia resultar em outra coisa que não fosse música. E a música da feira é a reunião de todos os sons, todas as vozes em gritos, pregões, frases cantadas, somadas às músicas dos auto-falantes, dos carros de som, dos gravadores em último volume tocando as fitas K7 que estão à venda, gente conversando, gente se encontrando, gente pondo o assunto da semana em dia..., vozes das quais conseguimos distinguir poucos fragmentos:

“ — Compre goma pra sua sogra! Agrade sua sogra, que eu não agradei, perdi meu marido, e olhe só onde eu vim parar!”

“ — Um limão, três limão, um limão, três limão, um limão, três limão...”

“ — Quem quiser comer mato, venha pra cá!” (*vendedor de alface*)

“ — Picolé do gostosinho, do coco e do amendoim...

“ — Ei, tem picolé de água?” *(conversa entre o vendedor de picolé e um velhinho que ia passando)*

“ — Olha o verde, olha o verde!” *(cheiro-verde)*

“ — E eu aqui conversando, perdi foi o marido!

“ — Agora foi pior! Inda mais que tá com o bode no braço!!!”
(vendedora e freguesa conversando, quando uma dá pela falta do marido que saiu com a carne de bode)

— Dê uma esmola pro cego taxista de Igapó, que foi assaltado e furaram os dois olhos dele! *(Fala do próprio cego, sentado sobre um caixote, no meio da feira)*

mas que, juntas, revelam um discurso quase cifrado, muito peculiar e até desconexo a quem se coloca de fora do espaço, mas também muito rico e significativo a quem participa dele. Para nós que chegamos de fora ou mesmo para o comprador distraído, a feira parece ter uma linguagem própria, a linguagem dos números, dos múltiplos e frações de reais, sejam eles escritos ou anunciados verbalmente no grito. Mas um pouco mais de atenção nos leva a perceber que ali também existem vozes que induzem a um diálogo marcado pela troca de experiências, afirmando ciclicamente uma afinidade cultural, social, e por que não dizer humana, pois o homem, ao tentar vender seu “produto”, convida o outro a conhecê-lo, e estranhamente, mostra-se a si próprio também, não como parte do produto, mas como garantia — pelo testemunho, pela experiência, pela sua “marca” de narrador — de que vale a pena adquiri-lo.

Vale a pena ressaltar, aqui, as palavras de W. Benjamin ao afirmar que “a experiência passa de pessoa pra pessoa e é a fonte a que recorrem todos os narradores”², lembrando ainda os dois tipos arcaicos de narradores a que o autor de refere: os sedentários e os viajantes, representando respectivamente o saber do passado e o saber de lugares distantes. A interpenetração desses dois grupos de narradores resultaria na “extensão real do reino narrativo”³. Fala ainda Benjamin que durante o trabalho manual — atividade mecânica que suscita a distensão psíquica do indivíduo — as narrativas contadas e assimiladas perduram

² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas. V. 1. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198.

³ Idem, p.199.

a fundo na memória tanto dos contadores quanto dos ouvintes. Transpondo o mesmo raciocínio para o espaço contemporâneo da feira livre popular, não precisamos andar muito para encontrar narradores em potencial de todos os grupos: itinerantes, sedentários, mestres e aprendizes na arte de contar e ouvir histórias, já que nesse sentido estamos num espaço interativo, onde ambas as vozes têm mesma riqueza em experiência e memória. Encontramos também algumas atividades intimamente associadas ao trabalho manual de que fala Benjamin: mulheres fazendo crochê, sentadas ao lado das suas bancas, outras debulhando feijão verde... teriam elas algo para contar?

Tivemos nas feiras por onde andamos a sensação de esbarrar de frente com personagens muito parecidos aos de Benjamin, os narradores que o autor julgou extintos, sufocados pela revolução industrial, pelas sucessivas transformações que atingiram as sociedades ainda no início deste século. De lá pra cá muito ocorreu, e muitas outras pequenas revoluções alcançaram — ainda que distintamente — todas as classes sociais. Mas ainda assim, em meio ao povo, sempre com “suas raízes no povo”⁴, em meio de coisas de ontem e de hoje, com um pé na tradição e outro no presente, parece que eles estão ali, parece que sempre estiveram ali, seja no Alecrim ou em Currais Novos, na cidade ou no interior, estão ali, em dia, horário e endereço certo: dia de feira, onde “de um tudo” a gente encontra...

⁴ Idem, p. 214.